

A SEMENTE

(PEDHRO JERA ISA)



MILTON ROZA JÚNIOR

A SEMENTE

(PEDHRO JERA ISA)


Baraúna
São Paulo 2009

Copyright © 2009 by Editora Baraúna SE Ltda

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Fábio Aguiar

CAPA

Equipe Baraúna

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R796s

Roza Júnior, Milton

A semente : (Pedro Jera Isa) / Milton Roza Júnior. - São Paulo : Baraúna, 2009.

ISBN 978-85-60832-86-6

1. Romance brasileiro. I. Título.

09-0973.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

05.03.09 05.03.09

011321

IMPRESSO NO BRASIL

PRINTED IN BRAZIL

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À EDITORA BARAÚNA

www.editorabarauna.com.br

Rua João Cachoeira, 632, cj.11

CEP 04535-002 Itaim Bibi São Paulo SP

Tel.: 11 3167.4261

www.editorabarauna.com.br

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao Ser Supremo por me dar o dom da escrita, aos meus pais e principalmente a minha mãe Maria Paula, pois sem ela este livro não sairia da gaveta, a Paulo Café, inspirado escritor que escreveu o prólogo, as minhas pérolas que Deus me deu: Fátima Pereira, minha companheira, Olívia Maria e Rhana Dafne, minhas filhas. Finalmente obrigado aos vários leitores e escritores dos sites que escrevo: Recanto das Letras, Autores.com.br e outros.



PREFÁCIO

O embarque nesta saga, tem como protagonistas Pedhro, Jera e Isa, que formam uma família que como qualquer outra, rumam à felicidade.

No intercalo de conflitos e tenros momentos, uma semente plantada por Pedhro é o marco da inesperada gravidez de Isa, sua filha.

A gravidez de Isa e a semente plantada evoluem junto com a mística trama, e se a semente encontra obstáculos nas pedras que a rodeia, a família se depara com a distância do pai da criança que vai nascer.

Como narra o autor, só o nascimento já é um grandioso evento, e este desejo de nascer, talvez não seja calculado como um relógio, entretanto, o evento descrito por Milton, vai pontecendo página por página os desafios selecionados para esta família.

Odin, pai de Pedhro, chega como engrenagem que coordena a trama para um imprescindível combate que terá que haver, e do resultado desta peleja, eclodirá a paz defi-

nitiva ou devasta no seio familiar. A força de Odin protege e forma seu exército, que é sua família, da magia do universo andarilho chamado Lóki, que visa lucrar em forças maléficas com a morte de um membro da estirpe. Porém até quando esta proteção será eficiente, até que ponto Lóki atentará nesta vida?

A vida segue... As páginas seguem... O alfabeto rúnico se faz pouco à tamanha desventura e interseções impostas a esta linhagem. E entre poesias, descoberta do amor paterno, uma semente no ventre e uma paixão imediata, um combate final irá se apresentar. Quem vencerá neste romance onde o mal arquiteta planos e muda rumos, e o bem que espera ansioso em seus dias de luta?

PAULO CAFÉ

Delegado sindical, Compositor, Músico e Escritor.

Obras: VIA CRÔNICA; MESMO CAMINHOS
OUTRAS PAISAGENS; LIVRO.

Idade: 45 anos.

Residência: Irajá.

SUMÁRIO

- 11 PLANTANDO O BELO
- 25 ODIN
- 39 O JOGO
- 49 QUANDO AS ESTRELAS NOS
ENRIQUECEM E FRIGG APARECE
- 57 LÓKI
- 61 ENQUANTO O SOL NASCIA...
- 63 ESQUECIMENTO
- 65 TEMPOS DE OUTRORA
- 67 URUS
- 69 FELINA
- 71 ÂNIMA
- 73 7/7/7
- 75 SOLITUDE
- 77 NÓS
- 79 CORES DA LIBERDADE
- 81 COMO VENTO SEM DIREÇÃO
- 83 MALCOLM E MARTIN NO GANTOIS
- 85 TRIBUTO À JERA

87	A HISTÓRIA DE PERSÉFONE
89	EROS E PSIQUÊ
91	O VISIONÁRIO
93	O RETORNO
95	CASTELO DE AREIA
97	ANTÍTESE
99	SILÊNCIO
101	ESTOU PRÓXIMO
103	A DESCOBERTA
107	OS TRÊS MACACOS
111	O MALEDICENTE
117	BEM-VINDO
125	O RETORNO À PROCURA DE THOR
133	E O TEMPO NÃO PÁRA
139	O TEMPO NÃO PÁRA II
145	A SEMENTE
155	O NASCIMENTO DAS SEMENTES
163	BIBLIOGRAFIA

PLANTANDO O BELO

– Belo dia de hoje, não acha, Isa?

– É verdade. Suspirou a adolescente com outros interesses na névoa da mente.

– Papai, por que todos se acham felizes num dia de sol?

– Porque o Sol ilumina nossos corações e nos faz despertar para verdadeira felicidade.

– Eu não me acho feliz, faz muito tempo.

– Pode deixar que você a encontrará, é só ter paciência.

– Isso deve demorar muito, pois não vejo nada na minha frente para que isso que sinto mude.

Pedro se sentiu incapaz de conseguir tirar-lhe o véu de seus olhos para que ela sentisse mais prazer com a vida, porque seu sentido de viver era de jogar sempre positivamente com o objetivo de ganhar algo altruístico, algo que beneficiasse sua família, sua prole e quem viesse com bons sentimentos em seu caminho. O jogo da vida, essa era sua pedra fundamental. Enquanto Isa era uma menina muito rebelde, no sentido de que a procura pelo prazer, o vazio que

nunca se acha, era muito mais importante do que a simples veneração pelo amor, pela carícia, pelas palavras de idônea sinceridade. Era a espera eterna pelo bem amado, por oportunidades boas, por uma compreensão melhor da família. Ela precisava de um pequeno ajuste, pois seu pai entendia que não se deve esperar demais por uma gestação de problemas. Nove horas para isto, nove dias para isso, nove meses para aquilo; devia ser resolvido pelo risco de sua gênese, o risco profundo, aquele que só a intuição masculina pode revelar, porque a vida era se arriscar e não esperar. O auge desta conversa poderia acabar em discussão, porém era preciso alcançar as leis da natureza que se favorecem para benefício de todos os que a compõe. Eles sentiram o balançar das plantas suportando o vento, lutando contra própria natureza pela simples ação desta estar sendo representada pelo vento. Sentiram os animais também lutando pelo seu dia a dia, alguns imergindo na terra pela alimentação, corrida diária pela vida. Parece inóspita fazendo seus filhos percutir dia-a-dia, alguns não encontram alimento, outros precisando de sol ou chuva não os encontram. Porém isso faz parte de um plano de dicotomia, pois a noite só aparece com a ausência da Luz, a sede com a ausência da água, a seca pela ausência da chuva, o mal pela ausência do bem e a infelicidade pela ausência da felicidade.

Isa foi distanciando-se, congelando-se das idéias do pai por pura indiferença a sua reflexão, não se importara em ver a beleza de Vênus na terra, sua parte feminina não a amolecia. Foi em direção ao carro, furtivamente, para não se despedir da beleza que Deus proporcionou àquele parque. Seu pai, triste, porém, pertinaz, resolveu, sem que ela tenha

visto, plantar uma semente cavando fundo entre as pedras. E colocando todo o desejo do mundo que aquele projétil de planta ache seu lugar ao sol, jurou que voltaria e daria o nome da neta ou neto àquela pequena planta, pois como ela, se sustentaria sozinha naquele campo florido.

Pedhro retirou seus joelhos da terra úmida e se levantou paulatinamente tendo seus pensamentos úmidos também, quase se transformando em lágrimas, virou-se e foi se despedindo de sua nova filha. Chegou ao carro e deu a ignição para o reconforto da sua mulher Jera. “Ela deveria estar preocupada com nossa demora” pensou o pai. No caminho, olhou diversas vezes para o ventre de sua filha se perguntando o porquê daquilo ter acontecido em sua família. Por que Pai? Logo conosco! O namorado de Isa tinha praticamente sumido, só se desculpava por telefone de não ter comparecido ao exame de sangue de sua gravidez, a ultra-sonografia de seu filho. Os trabalhos que arranjava eram sempre desafiadores demais para ele, “hoje ele é um vagabundo, talvez não para sempre”. Pedhro se preocupava não com o rapaz e sim com sua filha e o que se destinava para aquela criança. O rapaz não conseguia nem apaziguar em nossa mente os pensamentos errôneos de vítima da vida da situação constrangedora de desempregado e completamente sem sorte.

– Quem não joga para ganhar nunca vai ter sorte, porém, quem se despede dos dados nunca irá ter certeza de seu futuro. Sussurrava Pedhro em seu volante. Isa perguntou:

– Agora está dando para falar sozinho pai.

– Não, estou apenas pensando alto demais. Como

sua mente estava acelerada demasiadamente não conseguia conter seu raciocínio pouco silencioso. Deveras, os sons da mente às vezes se confundem com os sons guturais da indignação.

Seu pai não queria ser Deus, pois bem, ele não tinha os dados. Porém, como tudo na vida é emprestado, ele de vez em quando os obtinha como os teutões da arte rúnica. Homem de visão e imaginação fértil era poeta anônimo e jogava runas. Sabia que Isa estava muito confusa com isso tudo, buscava ter muita paciência para que não trocasse os pés pelas mãos nos dizeres e não se perdesse naquilo que as pedras lhe falaram: Mente confusa, espera que tudo se resolverá, alerta silencioso e, por final, cura para todos os males. Essas intuições martelavam em seu interior, entretanto, como distribuí-las em seqüência correta. Como o futuro se predispõe de seus artificios mais ardilosos. Pedhro acreditava que o futuro era uma ilusão, entretanto não se desligava de seu relógio, por vezes queria que os ponteiros voltassem a ser anti-horários, fazer uma viagem no tempo em que sua filha era uma pequena espoleta, subindo em árvores, brincando de dar mamadeira a boneca. Eles eram muito mais próximos do que hoje, conversavam brincavam de amigo desconhecido, era uma felicidade só. Hoje, porém, no ano de 2006 onde completara 21 anos, inexistia aquela aproximação definida, porém Deus escreve por parábolas e esta gravidez veio dar uma parada no deslumbramento com os prazeres terrenos de Isa. Congelou-se sua vibração tendenciosa para os simples desfrutes. Jera, sua esposa e companheira, estava o esperando no portão. Ela em tom repressivo, após passarem pela entrada, Comentou indignada: “Já

era sem tempo, estava ficando preocupada, vocês sabem que gosto da família reunida na hora do almoço.”

Jera era um verdadeiro exemplo de justiça. Às vezes parecia o próprio Odin a proferir as suas ordens, pois esperava sempre a colheita promissora de seu trabalho deveras organizado em seus mínimos detalhes. Ela sabia muito bem onde pisava, porque tinha plantado na época certa seus desejos, e colhia também na época certa seus frutos, os frutos do trabalho, daquilo que é honestamente merecido. Tinha a atitude de sempre esperar a recompensa por pura justiça divina e por mérito, pois pressagiou bem pelas suas atitudes passadas qual era o momento de retirar a raiz dos seus desejos das plantas agora reconhecidamente adultas das suas ações. Nada precoce era de seu entendimento, por isso que não entendia como Isa tinha embarcado neste Titanic. Sabia que o congelamento de seus intentos era costumeiro, tentou-se curso de idiomas, teatro etc., nada a contentava. Porém, não sabia que isto tudo iria parar num Iceberg.

- Que a lei do karma seja condescendente com você minha filha. Era, em suma, o que falava e mais um pouco, tentava ensiná-la que o fruto do trabalho contínuo tinha seu merecimento, mas não só o trabalho relativo a emprego, mas sim o trabalho cotidiano de se melhorar. O trabalho da gratidão era o mais imposto, pois saber agradecer o perfeito funcionamento de nossos órgãos, a casa abençoada onde se mora, a saúde, ter pais e não ser órfã. Tudo era motivo de se agradecer, tudo era um merecimento, um sortilégio. Jera era uma mulher aparentemente calma. Mas às vezes se tornava um vulcão em ebulição, principalmente por causa da falta de organização na vida das pessoas. Por